

A OVELHA PINK  
VAI LER A VIDA AO AMANHECER  
VAZIO

Gustavo Tovo

Loxías Apollo — 2026

Direitos exclusivos desta edição reservados por Loxías Apollo. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida por qualquer meio sem autorização prévia por escrito.

Revisão técnica, capa, projeto gráfico e preparação de texto:

Equipe Loxías Apollo

Revisão final:

Samantha F. Tovo e Gustavo Tovo

São Paulo-SP, Brasil

(C) 2026 Loxías Apollo

**<http://loxiasapollo.com.br>**

*Para minha filha, Sofia,  
que é a cor que não existia*

TOVO, Gustavo.

Ovelha Pink vai ler a vida ao amanhecer vazio / Gustavo Tovo.

-- São Paulo : Loxias Apollo, 2026.

79 p. : il. ; 20 x 20 cm.

ISBN: [inserir]

1. Literatura infantil brasileira.
2. Psicologia das cores -- Ficção.
3. Formação do caráter -- Literatura infantojuvenil.
4. Narrativa simbólica.

CDD: 028.5

# SUMÁRIO

<b>I</b>	<b>O Nascimento da Cor que Não Existia</b>	<b>1</b>
<b>II</b>	<b>O Crescimento da Cor</b>	<b>7</b>
<b>III</b>	<b>As <math>\infty</math> Fazendas</b>	<b>15</b>
	A Ovelha Vermelha	17
	A Ovelha Laranja	21
	A Ovelha Amarela	25
	A Ovelha Verde	29
	A Ovelha Azul	33
	A Ovelha Anil	37
	A Ovelha Violeta	41
	A Ovelha Branca	47
<b>IV</b>	<b>O Retorno da Cor</b>	<b>51</b>

# PARTE I

## O NASCIMENTO DA COR QUE NÃO EXISTIA

## O NASCIMENTO DA COR QUE NÃO EXISTIA

O pasto não tinha nome.

Era apenas o lugar onde o rio fazia uma curva e o vento encontrava menos resistência.

Nele viviam duas ovelhas.

Uma chamava-se Maya. O outro chamava-se Luna.

Maya era negra como a tinta que não reflete, mas sustenta todas as cores possíveis. E tinha um humor que podia cortar o capim mais seco.

Luna era negro como o fundo do poço, onde a água esconde o céu. E tinha um sarcasmo tão afiado que já fez o próprio rio mudar de curva para evitar um comentário.

Caminhavam juntos, margem do rio acima, margem do rio abaixo, trocando olhares que diziam mais do que qualquer balido.

Não havia outras ovelhas.

Havia o rio. Havia o capim. Havia o céu. Havia o silêncio — e havia a companhia perfeita de alguém que entendia que o mundo era absurdo, mas escolhia ficar mesmo assim.

Isso bastava. Quase.

No ano em que o inverno demorou a passar, Maya começou a acordar antes do sol.

Não por insônia. Por uma inquietação que não sabia nome — e que, para sua própria irritação, não conseguia expressar com uma piada.

— O que você procura? — perguntou Luna, sem abrir os olhos. — Porque se for o sentido da vida, já discutimos. É o capim. Ou não é. Depende do dia.

— Não sei — respondeu Maya. — Acho que é algo que ainda não existe.

Luna finalmente abriu um olho.

— Inconveniente.

— Muito.

— Típico de você.

Luna não perguntou mais. Apenas ficou acordado com ela.

Nas manhãs seguintes, Maya caminhava sozinha até a curva do rio, onde a corrente se aquietava e o musgo crescia sobre as pedras.

Ficava ali, imóvel.

O vento movia sua lã negra. A água murmurava.

Nada acontecia.

Até que, numa madrugada sem lua, Maya sentiu um peso novo no ventre.

Não um peso de pedra ou de comida. Um peso vivo. Um peso que se movia por conta própria, como se carregasse dentro de si um coração pequeno batendo.

— Luna — disse. — Acho que algo está crescendo em mim.

Luna aproximou o focinho.

— É quente — disse. — Diferente de nós.

Esperaram.



As semanas passaram.

Maya diminuiu suas caminhadas. Passava mais tempo deitada, o flanco apoiado na terra. Luna ficava ao seu lado, o silêncio entre eles mais cheio do que nunca.

O rio corria. O capim crescia. O céu mudava.

Nada mais existia além daquele peso crescente.

Na primeira noite da primavera, Maya sentiu o corpo abrir-se.

Não houve dor. Houve entrega.

Luna não se afastou. Lambeu o que surgiu: pequeno, úmido, tremulante.

Maya baixou a cabeça e lambeu a lã do recém-nascido.

Esperava encontrar o negro da noite, como ela.

Esperava encontrar o negro do fundo, como Luna.

Mas a lã que surgiu sob sua língua era *rosa*.

Não o rosa pálido das conchas vazias. Não o rosa gasto das flores depois da chuva.

Era um rosa que parecia conter luz própria. Como se, dentro de cada fio de lã, houvesse um minúsculo brilho preso — um *glitter* que só quem nasce de amor verdadeiro (e de dois pais extremamente irônicos) carrega.

Brilho, chamariam os outros.

Mas ali, na margem do rio, naquela noite sem testemunhas, era apenas o que *era*.

Uma cor que ninguém tinha visto.

Uma cor que não estava no arco-íris.

Maya olhou para Luna.

Luna olhou para Maya.

A pequena ovelha rosa abriu os olhos.

— Ótimo — disse Luna. — Vamos ser os pais mais visíveis do pasto.

— Pelo menos não vamos perder ela no escuro — respondeu Maya.

E pela primeira vez naquela noite, as duas ovelhas negras riram — um som raro, que fazia o rio parecer parar para ouvir.

Maya perguntou:

— De onde você veio?

A ovelha rosa não respondeu.

Luna perguntou:

— Você sabe o que é?

A ovelha rosa não respondeu.

O vento moveu o capim. O rio continuou seu caminho.

A pequena ovelha rosa apoiou a cabeça no flanco negro de Maya.

E dormiu.

Na manhã seguinte, Maya e Luna caminharam margem do rio abaixo.

A ovelha rosa caminhava entre eles.

O pasto era o mesmo. O rio era o mesmo. O céu era o mesmo.

Mas algo havia mudado.

Havia uma cor nova no mundo.